EXPOSIÇÃO
MUSEU MUNICIPAL
PENAMACOR
2007

Ai Linho!
uma história do linho

PROJECTO, CONCEPÇÃO E DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Joaquim Nabais
DESIGN
Vítor Gil
FOTOGRAFIA
Fernando Elvas
PRODUÇÃO E MONTAGEM
João Mateus, Pedro Reis e Manuel Lopes

Ai Linho!
uma história do linho

05 APRESENTAÇÃO
06 BREVE HISTÓRIA
08 DO CULTIVO AO BRANQUEAMENTO
08 O CULTIVO
09 A RIPAGEM
10 CURTIMENTO OU MACERAÇÃO
11 TRITURAÇÃO
11 ESPADELAGEM
12 SEDAGEM
13 FIAÇÃO
14 MEAR
15 BRANQUEAMENTO

Apresentação

Cultivam-se hoje três tipos de linho: linho para a obtenção de fibras têxteis, linho para a obtenção de óleo de linhaça e linho de cruzamento, conseguido pelo cruzamento do linho de fibras com o linho de óleo, para dar um rendimento suficiente de fibras e óleo. A fibra deste último, contudo, ainda não satisfaz as esperanças nela depositadas pela indústria.

Para que o feixe de fibras não sofra interrupção, baixando assim o seu valor para a fiação, é indispensável cuidar para que o talo não se ramifique. Consegue-se isso mediante a semeadura compacta. Os talos têm uma altura aproximada de 50 a 100 cm; o comprimento mais comum é 80 cm, com ramificação na parte superior. Das flores, de cor azul-claro, desenvolvem-se cápsulas de sementes com cinco células. A semente, muito oleosa, chata e arredondada, tem um diâmetro de aproximadamente 2 mm. O interesse principal está na obtenção de óleo de linho. A planta baixa ramifica-se muito, origina mais flores, produzindo assim maior quantidade de sementes de óleo, mas a fibra é de baixa qualidade.

Breve história

O linho é uma planta herbácea que chega a atingir um metro de altura e pertence à família das lináceas. Abrange um certo número de subespécies, integradas pelos botânicos com o nome de Linum usitatissimum L.. Compõe-se basicamente de uma substância fibrosa, da qual se extraem as fibras longas para a fabricação de tecidos e de uma substância lenhosa. Produz sementes oleaginosas e a sua farinha é utilizada para cataplasmas de papas, usada para fins medicinais.

Vem de muito longe o cultivo e utilização do linho. Cultivado no Egipto há mais de 4500 anos, era tal a sua importância na vida das populações que a perda de uma colheita de linho representava uma "praga" ou desgraça. O linho vem também mencionado na Biblia: as cortinas e o véu do Tabernáculo e as vestes de Araão como oficiante eram em "linho fino retorcido", e a túnica de Cristo de linho sem costuras.

No território que viria a ser Portugal, o cultivo do linho e a sua utilização têxtil provêm dos tempos pré-históricos. Junto das Caldas de Monchique, no Algarve, recolheu-se um pequeno farrapo de linho que remonta à 1ª Idade do Bronze mediterrâneo peninsular, (2500 a.C.). Estes factos não só provam que o linho era já então cultivado e utilizado, como indicam, pela perfeição do seu fabrico, um longo desenvolvimento anterior.

É hoje difícil às novas gerações avaliar o peso da cultura do linho nas nossas terras até meados do século XX. Precisaríamos de fazer uma espécie de viagem no tempo, apelando à memória, ao conhecimento adquirido e a uma boa dose de imaginação, para reconstituirmos a faceta do quotidiano das nossas populações que lhe andava associada. Precisaríamos de reconstituir a vida antes de tudo o que hoje conhecemos, fruto do progresso pós-revolução industrial, da luz eléctrica, da democratização das sociedades e do acesso aos bens de consumo.

Precisaríamos de, à semelhança do que acontece no cinema, recriar uma época que, neste país e nesta região, pouco se distanciava ainda dos costumes e práticas medievais. Veríamos então que os rendimentos das famílias raramente iam além dos limites da sobrevivência, e que a auto-suficiência era a forma de se suprirem maiores dificuldades. Assim, produzia-se o pão a par do azeite, do vinho, do leite, da carne e, na medida do possível, do vestuário e de mais precises para o dia-a-dia.

Pelo registo da população do concelho de 1849 (AM-PNC: Registo da População do Concelho em 1849), que, para além do nº de habitantes, nos dá conta da sua ocupação, tiramos uma ideia da extensão dos trabalhos do linho, que em algumas freguesias atingia números impressionantes, como em Penamacor, onde cerca de 650 mulheres fiavam, representando 27% do total da população feminina; ou em Pedrógão, onde aqueles números atingiam, respectivamente, 81 e 20%; ou ainda em Benquerença, com 15% da população feminina a fiar na roca, isto é, equivalente a 39 mulheres. Percentualmente, Benquerença apresentava o maior número de teares, ou, pelo menos, o maior número de tecedeiras – 18, equivalente a 6,6% da população feminina, seguida do Meimão – 10, equivalente a 5,9%, e Aranhas – 8, ou seja 2,8%. A profissão de tecelão surge também em quase todas as freguesias: Aranhas com 3; Benquerença, Pedrógão, Aldeia do Bispo e Aldeia de João Pires com 2; Bemposta e Penamacor com 1. Se tivermos em conta que os números da população feminina em causa são achados incluindo crianças e adolescentes, que, naturalmente, ainda não fiam nem tecem, facilmente concluiremos que as percentagens subiriam substancialmente se excluíssemos dos cálculos percentuais aqueles grupos.

De igual modo, devemos lembrar os lavradores e respectivas famílias (mulheres e filhos), bem como os jornaleiros que labutavam no amanho da terra para a sementeira do linhar, e todos os intervenientes na cadeia de trabalhos de extracção e apuramento das fibras do linho, até ficarem prontas para a fiação.

CLASSIFICAÇÃO CIENTÍFICA
Reino: Plantae; Divisão: Magnoliophyta; Classe: Magnoliopsida; Ordem: Malpighiales; Família: Linaceae
Género: Linum; Espécie: L. usitatissimum
NOME BINOMIAL
Linum usitatissimum

Do cultivo ao branqueamento

O cultivo

De uma maneira geral, pode-se dizer que o linho dá-se bem em quase todos os climas. No entanto, prefere os terrenos silico-argilosos, de solo profundo, de consistências médias, frescas e permeáveis à água. Como a duração do seu ciclo vegetativo é muito curta, a planta deve absorver rapidamente os elementos minerais: os solos frescos e ricos são-lhe altamente convenientes, e nos terrenos pobres os processos de adubação devem ser cuidadosamente aplicados. A fim de se aproveitar todo o comprimento dos caules, a planta, na colheita, é arrancada pela raiz, juntando-se em paveias (pequenos molhos) com a parte da semente toda para o mesmo lado. A colheita inicia-se quando o talo está amarelo-maduro, isto é, quando o terço inferior do talo ficou amarelo e se apresenta perfeitamente redondo por fora.

Na maturação total as sementes alcançam o máximo valor de óleo. Neste estado, porém, o talo fornece uma fibra de pouco valor na fiação. Naturalmente, hoje já existem máquinas para a colheita.

A ripagem

O linho é depois sujeito a uma operação que se chama ripagem, com o objetivo de separar a baganha (cápsula que envolve as sementes). Com pancadas verticais, faz-se passar por entre os dentes do ripanço (dispositivo para ripar) o topo das plantas. As cápsulas, bem fechadas e rijas, saltam para o chão, sendo seguidamente postas a secar ao sol para serem extraídas as sementes, que serão guardadas num saco de "panolar", para o ano seguinte. Hoje em dia existem as máquinas ripadoras, que fazem em parte o trabalho.

Curtimento ou maceração

Depois de apanhado e ripado, o linho tem que ser alagado, normalmente na ribeira ou numa charca. O curtimento é uma das operações mais importantes. A cola vegetal que une a camada de fibras aos tecidos da casca do lenho é removida para que as fibras possam ser retiradas. Uma maceração excessivamente longa destruiria em parte a cola entre as fibras, o que prejudicaria a sua resistência. Em regra deixava-se o linho a macerar durante 12 a 20 dias. Para evitar a força ascensional, colocavam-se pesos nos feixes que os conservavam sempre debaixo da água. Retirado da água, e depois de seco, é atado e levado para o maçadouro.

Trituração

A preparação das fibras do linho para o uso têxtil consiste na separação das fibras lenhosas e das fibras têxteis. Esta operação é feita por processos diferentes conforme as regiões. A separação das fibras dos talos macerados realiza-se em dois tempos. Primeiro, o lenho é triturado pela maça (maçado) e quebrado em pequenos pedaços. Nesta fase, contudo, as aparas aderem ainda em grande parte às fibras.

Espadelagem

À trituração segue-se a espadelagem. Na espadelagem, o lenho quebrado era removido pela espadela mediante batidas feitas no sentido dos talos. As melhores fibras assim obtidas, longas e paralelas, têm o nome de linho espadelado, enquanto as fibras curtas formam a estopa. No processo mecânico, o trabalho é executado com recurso à turbina de espadelagem.

Sedagem

A última etapa de todo o processo é a sedagem, que consiste na separação das fibras longas do linho e da estopa, formada por fibras mais curtas. A sedagem provoca mais um desmanchamento e uma purificação das fibras paralelas. Essa operação é feita manualmente pelo sedeiro.

A finalidade da sedagem é desmanchar mais os feixes de fibras por meio de agulhas, e deixá-los mais finos. Durante este trabalho, as fibras mais curtas são removidas mediante a penteação de que resulta a estopa de sedagem, que é mais fina que a estopa de espadelagem. A fibra longa sedada tem o nome de linho assedado. Pode ser fiada mais fina que a estopa de sedagem, e os fios apresentam maior resistência.

Fiação

Após ser sedado no sedeiro, é iniciado o processo de fiação com a roca e o fuso, formando as maçarocas.

Mear

Das maçarocas o fio passa para o sarilho onde se obtêm as meadas, que, de seguida, passam pelo processo do branqueamento.

Branqueamento

Finalmente são lavadas e coradas recorrendo a processos tradicionais (barrela). Quando estão secas e brancas, são colocadas no argadilho para assim se obterem novelos com os quais se vai trabalhar no tear.

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

MUSEU MUNICIPAL PENAMACOR